

antologia



Academia Internacional
de Ciências, Letras
e Artes – Brasilis

Palavras que
Ecoam à Luz
do Luar

Vários Autores

Apena
Editora



Vários Autores

Antologia

**PALAVRAS QUE ECOAM
À LUZ DO LUAR**

Contos, Crônicas e Poesias

**Organização:
AICLAB: Academia Internacional de
Ciências, Letras e Artes - Brasilis**

1ª Edição

Apena

Editora

Brasília, Brasil
2024

© Vários Autores, 2024
Palavras que Ecoam à Luz do Luar - Antologia
Organização: AICLAB, Academia Internacional de Ciências,
Letras e Artes – Brasília
Coordenação: Ainê Pena, Presidente da AICLAB
Revisão textual do próprio autor
Todos os direitos reservados

Site da editora: **www.apena.com.br**
Site da AICLAB: **www.academiaaiclab.com**

E-mails da editora: contato@apena.com.br
apena.editora@gmail.com

Catálogo na Publicação (CIP)
(Ficha Catalográfica feita por Apena, DF, Brasil)

A634p Antologia, Vários Autores, 2024 –
Palavras que Ecoam à Luz do Luar - Antologia /
Vários Autores; Organização: AICLAB, Academia
Internacional de Ciências, Letras e Artes – Brasília;
Coordenação: Ainê Pena. – 1. ed. - Brasília: Edição
Apena Editora, 2024.

132 p.;

ISBN – 978-65-80029-41-9

(e-Book Apena Editora – Venda Proibida)

1. Literatura Brasileira, Poesia. 2. Contos.
I. Antologia. II. Título.

CDD: B869.1

CDU: 82-1

Índice para catálogo Sistemático:

1. Literatura Brasileira: Poesia (CDD B869.1)
Literatura Brasileira: Contos (CDD B869.3)

**É EXPRESSAMENTE
PROIBIDA A
COMERCIALIZAÇÃO DESTA
ANTOLOGIA**

A distribuição é Gratuita

“Palavras, palavras, se me desafias, aceito o combate.”

Carlos Drummond de Andrade

Sumário

Prefácio	11
Aderval Aragão	16
Agostinho Jales	18
Ainê Pena.....	20
Amaury Silva	26
Amois Augusto	28
Ana Esther	32
Ana Nascimento	34
Andreia Caires	36
Beatriz Oliveira	38
Cacá Matos	40
Ceição Rocha Cruz.....	42
Claudia Lundgren.....	46
Eloise Gomes.....	49
Finório Tovo	52
Francisco Martins.....	55
Geremias Goulart.....	57
Graciela Zeballos	59
Guilherme Guilherme	62
Hélio Bacelar	64
José Manuel	67
Karol Costa	70
Kíssila Ferreira.....	73
Léo Guimarães	76
Marinalva Almada	78

Mario Luiz Amorim	81
Marvyn Castilho	85
Maze Oliver	87
Naiker Dàlmaso	90
Natália Tamara	92
Nauza Luza Martins	95
Pacelli M. Zahler	97
Pietro Costa	99
Ricardo de Oliveira	101
Rose Chalfoun	104
Vanderlei Barros	110
Verônica Moreira	112
Walter Alves	115
Biografias	117
Participantes	126
Alguns Depoimentos	130



A **Academia AICLAB** consiste numa instituição de caráter cultural com ênfase na literatura, cujo objetivo principal é a valorização e imortalização de artistas nacionais e internacionais e a perpetuação e disseminação da língua portuguesa e da literatura nacional. Ela é composta por artistas dos segmentos literatura, ciências e artes com trabalhos publicados ou que promovam a cultura em geral, onde são nomeados através de uma análise curricular e empossados em cerimônia pública. Assim, tornam-se imortais ocupando uma cadeira com o próprio nome como patrono ou, uma cadeira vacante, anteriormente ocupada por outro imortal.



www.academiaaiclab.com



Prefácio

"A poética viva na memória individual e coletiva até transitoriedade do tempo, que eleva a poesia a mundos extraordinários".

Os caminhos da poesia são inúmeros e distintos, embora todos eles sejam guiados pelas emoções. Pode-se perceber que há uma similaridade de sentimentos humanos que nos possibilitam a compressão da obra, esta copilada por vários escritores com histórias de vida diferentes são compartilhadas em cada verso, em cada sentir, tecendo uma composição artística que individualmente brilham em sua complementaridade.

A memória individual é fragmento da memória coletiva. É essa memória coletiva que lembrará/esquecerá¹ o ontem, alicerce que sustentará o amanhã. Mas há nessa forma de pensar uma faca de dois gumes, uma vez que a memória coletiva coabita a individualidade. De acordo com Paul Ricoeur², quando, hoje, rememoramos um fato situado no passado, estamos recordando a nós mesmos; assim como estamos revisitando a memória coletiva quando pensamos em nós nesse passado. Dessa forma, a história por nós, individualmente, revisitada é a tradução do que vivemos,

¹ Considerando, para tanto, o que afirma Homi Bhabha a respeito da sintaxe do esquecer no processo de narrar a nação, e também a partir de análise dos estudos de Ernest Renan sobre o que é a nação. Bhabha afirma: "Ser obrigado a esquecer se torna a base para recordar a nação, provando-a de novo, imaginando a possibilidade de identificação cultural." Cf. BHABHA, Homi. O local da cultura. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.p.226-227.

² RICOEUR, Paul. Memória pessoal, memória coletiva. In: A memória, a história, o esquecimento. Tradução Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.p.105-142.

experimentamos, sentimos, acreditamos em determinado momento. São, portanto, memórias de si e do outro o que lembramos como exclusivamente nosso.

Neste contexto, por meio de uma coletânea literária, reunir tão diversas poéticas é também agrupar as memórias de uma plêiade de notáveis poetas nacionais. Todas as poéticas aqui reunidas são rastros de quem somos como povo, de quem são as pessoas, suas vivências, pensamentos e sentimentos. Neste cenário, muitos são os entrelaçamentos promovidos pela representação das nossas memórias individuais/coletivas, locais/nacionais. São muitos os caminhos dessa transformação, que a arte nos desvenda. Sabedoria, excitação, angústia, euforia, perplexidade, reflexão, êxtase... e não só; caminhos escancarados e subterrâneos, sombrios ou ensolarados, que emocionadamente nossas almas ecoam na aurora, e, à luz do luar.

No encadeamento natural da vida, há quem diga que a arte não prova nada: não explica a força da gravidade, não analisa a voltagem do coração da baleia, a curva da luz, não tira a raiz quadrada do infinito, não elabora as substâncias químicas para as doenças corporais, portanto não é base conclusiva para estatísticas reais de uma nacionalidade. Ora, não é loucura nenhuma discordar desta vaga afirmação; na pré-história, os primeiros hominídeos, nossos tataravós, olharam o céu, o chão, franziram as sobrancelhas, respiraram mais fundo, inquietos ou sonâmbulos, ou as duas coisas, sei lá. E não teria nada de mais absurdo e desnecessário que ficar horas a fio olhando a lua ou o amarelado de um imenso deserto, se desse longo olhar não tivesse brotado uma ignorada dimensão imaginária, desbravadora e feroz, que os iria mudar para sempre. O poema é isso: um incontornável e não-explicado deslumbramento que nos transforma.

No ofício das artes, se houvesse hierarquia, eu o colocaria no topo do monte - com raiva e inveja - por ele dizer o sabido que não sabíamos que sabíamos, com palavras muitas vezes gastas pelo uso, mas que nos revelam a nós mesmos. É como se escutássemos o eco de coisas desconhecidas, extraviadas, pressentidas, a esmo³. A poesia é um espasmo.

O que a arte tem de maravilhoso - ousaria dizer sem buscar definir toda sua sublime essência, que mesmo não matando a fome, não sanando a sede, não protegendo do frio, ainda sim ela em sua 'perplexa inutilidade' nos protege da ignorância, não cria substâncias químicas para dores do corpo, mas, ela que suprime e acolhe as mazelas da alma. As palavras criam mundos sagrados, e desde os primórdios da criação ela é subsídio para proteção da memória coletiva, a palavra é o bem histórico patrimonial dos milênios.

A Literatura, arte da palavra, é a "mais inútil" e mais transformadora manifestação do ser humano. Ouso dizer que a melhor memória individual/coletiva nesta incrivelmente breve existência, é o brado retumbante que rugem os espíritos românticos que atravessam a eternidade lançando palavras que ecoam à luz do luar.

Natália Tamara C. da Silva

Graduada em Letras Vernáculas – UNEB

Imortal da Academia Internacional de Ciências, Letras e Artes, Brasília - AICLAB

Autora do Livro – Tórridas Emoções

³ Ruy Guerra – Cineasta poeta, dramaturgo e professor luso-brasileiro nascido em Moçambique, então território português. Está radicado no Brasil desde 1958.





Aderval Aragão

Aracaju - SE

Aderval Aragão

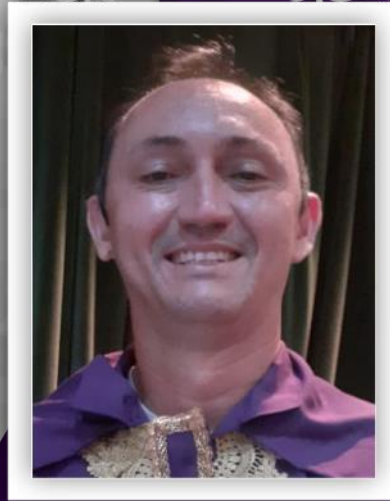
MEU ETERNO AMOR

Nos teus olhos encontro o meu abrigo,
Meu amor, meu doce amparo.
Teu sorriso é a luz que guia meu caminho,
Neste amor profundo, eterno, que é só nosso.

Tua presença é como um suave acalanto,
Em teus braços encontro paz a cada instante.
Teus gestos, teu carinho, tua voz serena,
São melodias que embala a minha vida plena.

No jardim da vida, és minha flor mais bela,
Em cada estação, em cada estrela que se revela.
És a razão do meu viver,
E te amar é o maior privilégio que posso ter.

Nas alegrias e nas tristezas, lado a lado,
Com você, meu amor é renovado.
És o sol que ilumina meus dias,
Neste amor que transcende todas as alegrias.
És a razão do meu existir,
Para sempre vou te amar, meu eterno porvir.



Agostinho Jales

Angicos - RN

Agostinho Jales

GALOPE DE VERSOS À LUZ DO LUAR

Navego nos versos dos meus pensamentos
Registro o que vejo na mãe natureza
O voo do pássaro com sua leveza
Registro feliz esses belos momentos
As folhas voando a bailar pelos ventos
Voando, voando, voando a voar
Seguindo seu curso voando pro mar
Num rio de versos do meu coração
Fluindo da mente e brotando do chão
Palavras que ecoam a luz do luar



Ainë Pena
Brasília - DF

Ainê Pena

Presidente - AICLAB

O INSIDENTE

Planejara muito bem aquelas férias. Dois anos trabalhando sem parar, sem tirar um fim de semana de sossego em um lugar onde pudesse descansar. Aquelas férias eram muito bem merecidas e ela havia planejado com muito cuidado.

Preparara a mala com antecipação para não haver correria de última hora. Queria aproveitar cada segundo daquele tão sonhado descanso. A comida já estava comprada e embalada, acomodada cuidadosamente no porta-malas do seu carro. E no banco do passageiro estava sua squeeze com sucos e guloseimas para consumir durante a viagem. Estava tudo pronto e mesmo que aquele último dia no trabalho fora cansativo, aquela viagem a distrairia. Só de saber que estaria, em algumas horas, em um lugar calmo e refrescante, à beira do mar, tomando uma bela água de coco, lavava todo o cansado daquele dia.

Nossa, como o tempo tardava passar. Daria oito horas da noite, mas não dava seis da tarde para que pudesse finalmente estar livre. A todo tempo olhava no relógio e o ponteiro nunca saía do lugar. Cinco e vinte e três, cinco e vinte e quatro, cinco e vinte e cinco. Jesus, porque o ponteiro não chegava logo em cinco e cinquenta e nove?

Levantou, tomou água, foi ao banheiro para adiantar. Arrumou sua mesa de trabalho e o relógio ainda em cinco e quarenta e cinco.

Dali até a hora em que finalmente pôde sair do prédio do escritório, pareceu que se passara duas horas, mas tudo bem, estava livre, finalmente, e agora poderia curtir seus quinze dias em um lugar bem longe de todos os problemas de seu trabalho e de sua vida. Teria uma vida, naqueles dias, uma vida assim como merecia. Não via a hora de chegar em seu destino.

Aquele dia havia sido muito cansativo com a preparação para sua ausência na empresa e na estrada, dirigindo, logo o sol se pôs e viu-se sozinha na estrada.

De tempos em tempos uma luz aparecia em seu retrovisor, dando sinal de vida além da dela ali naquele lugar longínquo e desértico. E logo esta luz a ultrapassava.

– Que vá com Deus. Ficarei aqui com Ele na minha caminhada. Quero chegar logo, mas não tenho tanta pressa assim. – dizia ela sempre que um carro a ultrapassava.

Uma carreta, um caminhão, e logo estava ali, solitária em uma via longa e escura. Como era tranquila e convidativa aquele silêncio, pensava.

Ligou o som do carro com uma música agitada. Cantou um pouco. Trocou por algumas canções mais tranquilas. Desligou o som do carro, queria escutar o som da noite. O barulho que vinha da mata à beira do caminho, os bichos que se aventuravam na escuridão da noite. As corujas que soavam seu curucucu noturno. Que coisa maravilhosa, que sensação deliciosa!

E ali se foi ela escutando o som do luar e das estrelas que tentavam cintilar em meio à tanta escuridão, fazendo companhia para a lua tímida que também insistia em curiar a terra, olhando lá do céu o que nós meros mortais estávamos a fazer por aqui abaixo.

Que calma!

De repente o pneu do carro derrapou em alguns cascalhos na beira da pista, e o carro, em um piscar de olhos, voou barranco a baixo, fazendo-se escorregar metros e metros.

Jesus, Maria, José! O que aconteceu?

Atordoada com toda aquela ação, tentava abrir os olhos que insistiam em fechar. Tateou no escuro e nada havia ao seu lado, tudo havia saído pela janela aberta, do carro. Não restava nada, só ela. Seu celular que estava no console foi o primeiro a ir-se.

Se soltou do cinto de segurança e ao se mexer, sentiu uma dor enorme vinda de sua perna que por sinal deveria ter se quebrado. Empurrou a porta, mas esta não se abriu, estava emperrada. E agora? Estava perdida. Completamente só. O lugar era longe de tudo, e não havia ninguém na pista no momento de sua derrapagem para saber que ela havia caído ali. Definitivamente, aquele lugar seria a sua tumba.

Deslisou pela janela do carro e se arrastou até o porta malas. Ali encontraria algumas roupas onde poderia se aquecer, estava no meio da mata e estava ficando cada vez mais frio. Tinha comida também. Poderia, quem sabe, se aquecer, esperar a noite passar e pela manhã, comer e sair por aí em busca de ajuda. Mas, ao chegar na parte de trás de seu carro percebeu que com a descida, o carro bateu em algumas árvores e tudo que estava, ali havia caído quando o bagageiro se abriu. Estava perdida, definitivamente perdida.

Parou um instante, pensou, pensou, e resolveu que não desistiria. Tinha sua perna quebrada, estava no mais absoluto escuro, mas subiria assim mesmo, se arrastando por entre as árvores até conseguir chegar novamente na via expressa para pedir ajuda.

Aquele dia não estava para peixe. Começara ruim e terminara pior ainda. Perdida na escuridão, se arrastando no

meio do nada, correndo risco de ser comida por uma onça e ninguém mais saberia o que lhe aconteceu, igualzinho a outros casos que já havia escutado contar.

Sedentária por natureza, subia com dificuldade. Quando encontrava uma árvore no caminho, se agarrava a ela, sentava, respirava, tomava um pouco mais de fôlego e logo continuava. A subida não tinha fim, seu deslocamento era lento e os animais que faziam barulho por ali a aterrorizava.

– Não desisto, vou até o fim! Não lutei toda a minha vida para morrer aqui, sem nem ao menos uma lápide. Se bem que durante o dia, este lugar deve ser muito lindo, muito diferente de um cemitério chinfrinho, com um monte de túmulos velhos. Ao menos o meu túmulo vai ter uma vista incrível. – falava sozinha. – Não. Definitivamente, não. Não aceito morrer aqui.

A cada metro que subia, aquela subida íngreme, se arrastando por entre galhos e pedras, sentia que suas forças se esvaíam. Sentia como se não fosse chegar a lugar algum, que morreria a qualquer momento. Os balhos cortavam suas mãos e braços e a cada vez, ficava mais complicado subir. Doía-lhe tudo. Até seus olhos que se esforçavam para enxergar na escuridão, não aguentavam mais, ardiam parecendo estar cheios de areia.

Nesse desespero todo em juntar forças de onde não havia mais, ao agarrar um galho grosso à sua frente, sentiu uma dor imensa em sua mão. Havia apertado algum bicho peçonhento que a picara e deixara um veneno ali. Agora era verdade. Já estava morta.

Segurando sua mão que doía muito e lhe fazia perder o fôlego, ficou pensando em quantas horas levaria para que o veneno percorresse todo o seu corpo e a matasse. Talvez umas duas horas, ou talvez menos. Se arrependeu por nunca ter tido

paciência de assistir aqueles documentários sobre bichos. Mas, afinal, ela nunca havia pensado em fazer trilha ou algo assim, porque cargas d'água haveria de pensar em conhecer um pouco mais sobre animais assassinos? Não, não era sua culpa de não saber nada sobre aquilo. Mas que morreria, isso ela sabia muito bem. Já havia escutado várias histórias de pessoas que haviam sido picadas por bichos venenosos e que morreram logo depois.

Uma pena que uma dessas histórias não seria a dela. Morreria ali, por ter sido envenenada e ninguém saberia nada.

Se esforçou mais uma vez para continuar sua subida, mas não passou de alguns centímetros. Sentia todo seu corpo doendo como sua mão. O veneno era bem rápido e já havia tomado conta de tudo. Não podia mais se mexer, não tinha forças para isso. Sentiu que seus olhos estavam nublados, mesmo no mais absoluto escuro, porque sua respiração ficava cada vez mais lenta. Começou a rezar.

– Pai nosso que estás no céu... – e apagou.

Dali não sentiu mais nada. Sua respiração foi ficando cada vez mais lenta até que não restava mais nada. Estava morta, finalmente morta. Nossa, não havia imaginado seu fim daquele jeito, mas estava morta. Ali era seu túmulo eterno, um lugar ermo, mas com certeza com uma vista deslumbrante e que todas as manhãs e entardecer, a vista seria de tirar o fôlego. Poderia apostar sua vida nisso.

E ali estava. Morta!

Simplesmente, Morta! Que silêncio!

Uma luz de repente ofuscou-lhe as vistas e escutou uma voz bem distante, dizendo:

– Oi, você pode me ouvir? Qual é o seu nome? Eu sou o doutor Carlos, você foi trazida para este hospital. Oi, você me escuta? Oi... – e ao fundo um barulho: bip, bip, bip...



Amaury Silva
Governador Valadares - MG

Amaury Silva

LUNARES, LUMINARES

Dias na Idade Espacial
espero pelo carnaval
olha a lua
que ela nos molha
como a deusa crua

Uma lua mulher
sem saber se quer
lunares, luminares
do infinito em claros olhos
da sede do corpo no copo
olhares, menares

Noites na Caverna Sideral
guardo a cor celestial
cora a lua
que ela nos flora
como a verde grua

Uma luz torpor
sem saber a cor
lunares, luminares
do refletido em focos
da fome do corpo na carne
âmbar, solares



Amois Augusto
Moçambique - África

Amois Augusto

CARTA À MÃE NATUREZA

Ó Mãe Natureza, ouça meu pranto,
Nossos laços outrora fortes, mas agora em pranto.
Com lágrimas verdes, clamo ao vento,
Aos males que afligem teu doce sustento.

Homem, criação divina, mas que tristeza,
Te tornaste algoz, causando tamanha vileza.
Teu fogo consome a terra e arde em chamas,
Enquanto a vida sucumbe, sem tréguas ou tramas.

O aquecimento avança, o glaciário derrete,
O solo ressequido, o verde desaparece.
A fauna se cala, a flora se esvai,
No sombrio cenário de um futuro que se esvai.

Biodiversidade que outrora dançava,
Agora definha, a morte a rondar,
Exploração excessiva, ganância que não acaba,
Homem sem travão, a destruir sem parar.

Extinção se alastra, silêncio na floresta,
Lamento dos que partiram, já não resta.
Rios poluídos, mares sufocando,
Mãe Natureza chora, a dor revelando:

Ó humanidade, tuas ações doem mais,
No peito da Terra, afundam como navalhas.
Tua ganância e egoísmo causam e desfaz,
A harmonia outrora plena, agora em falhas.

Ó Mãe Natureza, perdoa nosso erro,
De ter ferido tua beleza, com tanto desespero.
Que nossos corações despertem, antes tarde,
E possamos curar as feridas que ardem.

Imploro por redenção, mudança que inspire,
Restaurar o equilíbrio, antes que expire.
Unidos, humanos e Terra, em abraço sincero,
Para que o lamento cesse, e voltemos ao primeiro.

Ó Terra, clamamos ao céu,
Por que és o alvo, ou o único troféu?
Enquanto Marte, Vénus, e demais planetas a brilhar,
Intocados permanecem, a me observar.

No frio de Marte, não buscam morar,
Mas a mim, Terra mãe, vêm devastar.
Em busca de novos lares, avançam sem pudor,
Será que Marte está pronto para tal torpor?

Alerto-te, Marte, enquanto há tempo,
Homem, que despiu, agrediu, estuprou
E desvirginou a minha biodiversidade,
Que não respeita o vento.
Tuas areias vermelhas, a solidão tece,
Preserva tua essência, não te cegues à prece.

Que meu lamento ecoe nos cosmos,
Alertando cada estrela, cada constelação.
Que a Terra ferida possa se erguer,
E que Marte aprenda com o que a Terra sofre a viver.

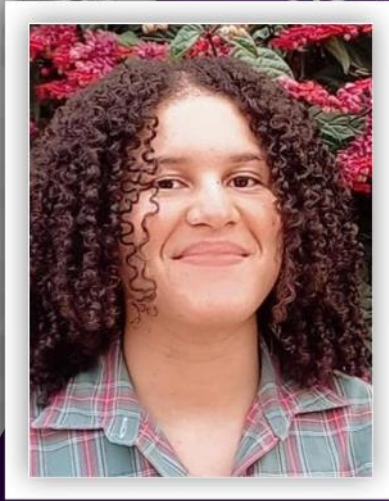


Ana Esther
Florianópolis - SC

Ana Esther

O OLHO DO PERU

Houve uma época...
em que comprava-se o peru vivo
para a ceia natalina.
Matá-lo e depená-lo era preciso.
Meus pais ganharam de presente
um enorme e formoso peru.
O garboso animal foi para o nosso quintal
aguardar até a véspera do Natal.
Em meio às galinhas e marrecos
arranjou briga e o olho feriu.
Minha mãe apiedou-se
e passou a tratar o olho do peru.
No início ele reclamava, desejava escapar.
Com carinho, minha mãe o cativou,
em alguns dias o olho dele ela curou!
Tragédia!
Virou um peru de estimação.
Perdemos o apetite para comê-lo.
Após tanto desvelo com o bichinho,
Ele virou parte da família.
Esse peru não morreu na véspera do Natal!



Ana Nascimento
Palmeiras - BA

Ana Nascimento

ESCUTE O SILÊNCIO

O silêncio silencia a aparência
Nos faz mergulhar na essência
O silêncio é onde cresço
O silêncio é onde pertencço
Pertencendo a ele eu percebo
Que se apagam os medos
Pode-se ser por inteiro
E simplesmente existir.

No silêncio viajo
No silêncio me calo
No calar me encontro
E também me perco
Perdida dentro de mim
Me afogo no nada sem fim.

Aqui, absorta no vazio
Sozinha eu me crio
E nesse imenso vácuo
Constantemente me refaço.



Andreia Caires

Arujá - SP

Andreia Caires

Acadêmica cad. Nº 24 - AICLAB

OLHOS DE UM GATO PRETO

Nos olhos de um gato preto
Há mistérios que não têm fim
Quando ele passa pela penumbra
Vai imprimindo pelo chão
Suas pegadas de algodão.

O gato preto me circula
Com seus olhos amarelo ouro
Depois se alonga tranquilo
E liga seu motorzinho afetivo.
Ronrona alto mas, delicado.

O gato preto dá seu salto
Com muita precisão
Ele salta com segurança
Quanta elegância!
Sobe e desce o muro depressa
Desconfiado olha para os lados.

O gato preto, esse ser enigmático
Me conquista de fato
Torna-se meu objeto de poema
Parece vindo de um tempo sacro
Indecifrável.



Beatriz Oliveira
Caxias - MA

Beatriz Oliveira

O JARDIM ESCONDIDO

Entre tantas daninhas
E muito espinho
Encontrei uma flor
Exalando carinho

Uma vez, senti saudade
Depois, ciúmes e temor
Sempre senti proteção
E por todas as vezes, amor

Quando a tristeza vem
Murcham as suas pétalas
Caem uma por uma

Só a afeição
Do filho, a beleza
Se regenera,
Se recupera
E não foge à espera



Cacá Matos

São Paulo - SP

Cacá Matos

Secretária Geral - AICLAB

MAIS UMA VEZ AMOR

Eu ainda tento
mesmo quando a mente diz não
eu ouço meu coração
e ele diz que devo continuar
que devo amar de novo
porque o amor é generoso
e eu vivo de amor
o próprio eu restabeleci
e agora que eu me entendi
sei que posso amar o outro
e dar o melhor de mim
e dar amor sem mim
porque eu sou assim
amor do início ao fim.

Eu não desisto
e sigo buscando essa paixão
brasa que acende meu coração
é assim que eu sou
e te amando de novo
eu digo: mais uma vez amor



Ceiça Rocha Cruz

Penedo - AL

Ceíça Rocha Cruz

Acadêmica cad. Nº 30 - AICLAB

AMOR AO LUAR

Na noite luminosa
sobre o rio,
o luar resplandece,
derrama-se,
tranando o véu da noite escura
num clarão a fulgurar.

No silêncio da noite luzente,
pelo passear da lua,
vejo o amor,
busco o teu olhar
no olhar do tempo.
Vejo-te
a sorri sem temor algum.

Na noite fulgente,
nos abraçamos,
sussurro aos ouvidos
versos poéticos de amor,
à luz do luar,
lábios sorriem
e a boca em flor entreaberta
num ardente beijo,
impulsiona-nos ao delírio,

a um férvido desejo que nos
leva à loucura.

Amamos-nos iluminados pela luz do luar
doce e sereno.

Desfrutamos deste momento infindo
tu e eu – num amor ao luar.

MINHA ESTRELA

A noite chega enluarada
e no céu de estrelas,
um clarão fulgura
e se propaga incandescente.

Um olhar vago busca o seu olhar
no olhar do tempo;
o luar emerge e uma estrela cintilante,
encontra este olhar.

Sob um manto de estrelas
de um prateado véu,
uma voz fala de amor,
aos sussurros do vento,
que ecoam à luz do luar.

Estrela de brilho e leveza,
de silêncios e mistérios,
das sinfonias,

dos olhares,
dos sorrisos que extravasam
das mãos de uma manhã no seu despontar.

No encontro sublime
sob a trilha do céu estrelado
e um raio de luz,
encontrei o sentido da vida,
no amor, tu, a minha estrela.



Claudia Lundgren
Teresópolis - RJ

Claudia Lundgren

Vice-presidente - AICLAB

ESCRITA FRESCA

Eu quero uma escrita fresca,
como um bolo saído do forno;
como a tinta que ainda escorre,
eu quero um poema novo.

Que me interrogue,
que me inquiete;
Que me sacuda,
que me desperte.

Um poema que movimente
esse meu pobre corpo inerte.

INCONFIDENTE

Contei meus ideais e anseios; com transparência, expus
minhas intenções.

Confiei cegamente; a ingenuidade em pessoa.
Para quem eu não deveria, abri meu coração;
Fui vítima de um inconfidente; me apunhalou pelas
costas; traição.

Se eu pudesse voltar atrás, tentaria ser mais sagaz,
Porém mau-caratismo muitas vezes não é visível.
Alguém que, baseado em seus próprios interesses
entrega alguém,
Da sua consciência (quando tem), é um eterno refém.

CRONÔMETRO ACIRRADO

Perdão pela falta de tempo para os encontros e para as cartas. Me perdi entre mensagens, e-mails e viagens.

Desculpe, se aquele telefonema não atendi; se não liguei de volta. Se lhe deixei para depois; eu não tive tempo e caiu no esquecimento. Me perdoe por ter lhe deixado para última hora.

O cronômetro acirrado me consome; até o sono, me acorda. Vaguei no tempo e nos meus pensamentos.

Não foi por mal, não foi descaso. Já não sei me dividir. Já não dou conta de mim.

Falta-me tempo para as unhas e para os anéis; no ônibus ponho meus brincos.

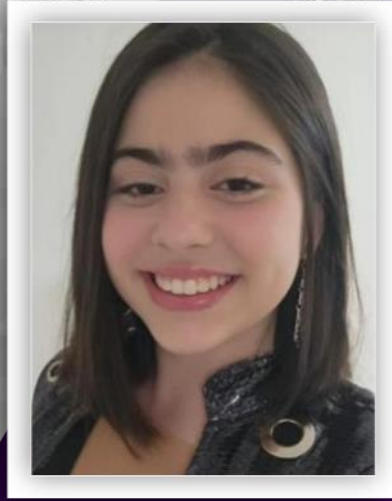
Desisto de colocar as pulseiras porque abotoá-las sozinha não consigo.

Calcei as sandálias mesmo porque não encontrei o par de meias; procurar custa-me tempo.

Hoje tem ovo para o almoço, porque na fila da carne não deu para ficar.

Minha cama ficou para arrumar.

Perdão pelas breves palavras e pela falta de assunto; é porque só restaram-me quinze minutos.



Eloise Gomes

Rio de Janeiro - RJ

Eloise Gomes

NOITE PRATEADA

Palavras ressoam, qual néctar etéreo,
Em um éter de sonhos e devaneios,
Ecoam na noite, como um prisma misterioso,
Revelando segredos, em versos anseios.

Assim, sob o manto lunar, o poeta criativo,
Com vocábulos rutilantes e raros,
Forja um poema que resplandece e se irradia,
Nas asas da linguagem, em voos austrais.

As sílabas, como pérolas luminescentes,
Dançam ao sabor da brisa noturna,
Desenhando constelações de significados,
Em um firmamento de expressão taciturna.

A lua, testemunha silenciosa das palavras,
Inspira o poeta a tecer sua tapeçaria verbal,
Enquanto o eco de seus versos sussurra,
Pelos vales da noite, como um orvalho celestial.

O luar, mestre silente da poesia,
Derrama sua luz sobre os versos entrelaçados,
E as palavras, como astros em órbita,
Brilham na escuridão, em um espetáculo encantado.

Então, sob o manto da noite prateada,
As palavras ecoam, ressoam, transcendem,
Em um hino à beleza e à melodia,
Que apenas a luz do luar compreende.

E assim, o poema se ergue majestoso,
Como um monumento à eloquência do instante,
Onde as palavras, à mercê do luar radiante,
Ecoam eternamente, em um etéreo enlevo constante.



Finório Tovo

Moçambique - África

Finório Tovo

CONTO DA AVE

Pássaro ao sol cantou
Nas terras rachadas passos levou
Garimpendo sabedoria antiga, gritou
A voz da natureza por ele falou'

e no olho da enxada travou,
com a cabeça infestado Inspiração.
ele não comia nem dormia nada
Só teve sossego quando escutou a voz danada.

e a danada avistava um botão escondido quando montava o
viveiro na cachola entupido;
ela juntava quantos podia, para soltar no mundo florida'
onde ele gritava, chorava, cantava as lágrimas do povo sofrido.

o seu nome mudava, vida mudava e raízes no chão brotavam.
a sua tentativa era a patente maior do sertão.
O que é bom é imitado, dessa ave tem de montão!
Agora, a danada está junto consigo na certidão

onde a magia divina brilhava na mente de nossos Camões
e olhava a poesia que jorrava como internos vulcões,
Viu que Poesia nascia da mata, vinda de dores e emoções
Na métrica, na rima, sem saber dava lições da ave.

em Meses corridos aprendeu nos livros a grande lição
Orgulhoso falava, não tem professor melhor que esse.
que das aulas saí meio letrado, tinha o mundo na mão
Palavra arranjado, de viola pulava a poesia para o coração da
danada

Mas, calou-se o gigante que ao mundo encantou
com sua sabedoria profetizou
A vida foi longa, no fim, o destino na sua vista o levou!
da danada o coração roubou'
Descobrimo de novo, que era de si que a beleza brotou.



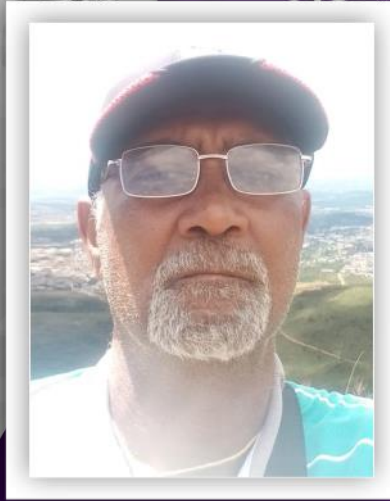
Francisco Martins

Uruçuí - PI

Francisco Martins

MENÇÃO ÀS FLORES

Oh, flores sobre todos os jardins!
Sobre os bosques e florestas,
De todas as espécies, cores e fragrâncias.
Flores que exalam amor e ternura,
Estão em todos os eventos
A manifestarem exuberância.
Flores que são presenças na tristeza ou na alegria
Ou ornamentado os lares,
Dando cores e vidas ao ambiente e a manifestarem elegância.
Todas são dadas divinas
Por expressarem pureza e amor,
Sempre serão aceitas em todas as instâncias.



Geremias Goulart

Belo Horizonte - MG

Geremias Goulart

SOBRE AS ONDAS DO MAR

Todos os dias...
Ao abrir minha janela
Vejo essa maravilha da natureza
Essas belas ondas na areia

Pois a vida é igual um grão de areia
A onda leva depois junta tudo de novo
Limpa e renovada

Pois o mar não revela seus mistérios
Nessa imensidão de águas cristalinas



Graciela Zeballos

Uruguay

Graciela Zeballos

MARIPOSAS DENTRO DE MÍ

Cuando estoy en silencio.
Siento un aleteo
Son mariposas!!!
Sorpresivamente descubro
que se han alojado
en mi cuerpo, en mi mente.
Tienen un movimiento constante.
No las puedo controlar!!!
Allí están!!!
Dentro mío!!!
Son miles
Ellas aparecieron
en el mismo momento
que te conocí.
Aún hoy, que ya ha pasado tiempo
continúan aquí.
Dentro mío!!!
Siguen danzando magicamente,
sutilmente.
Son coloridas, increíbles, únicas

Han revolucionado mi pensamiento.
Sin darme cuenta
han atravesado mi alma.
Pero también dan alegría a mi cuerpo.

Continúan día tras día,
despertando mis sentidos,
los que estaban dormidos.
Acelerando los latidos de mi corazón.
Poco a poco estas bellas mariposas
continúan provocando mi renacer.

Es un verdadero despertar.
Impulsandome sin pensar
a pronunciar otra vez,
palabras de amor.
Pero para ti, bello amor
Las que brotan de mi ser.
Como si fuera ésta,
mi única historia de amor.
Porque tiene una gran diferencia
Esta historia es de
dos almas que se encuentran
después de miles de años
y que se corresponden.
Sin importar la distancia o el tiempo.
Estoy feliz!!!
Porque aún las bellas mariposas
continúan dentro de mí!!!



Guilherme Guilherme
Rosário - MA

Guilherme Guilherme

PÉS DE BARRO

Deixem-me caminhar com meus próprios pés.
Fantoches são para os fracos, eu não preciso disso.

Tenho cá dentro, uma alma rebelde.
Gritando por liberdade...
Tentando destravar, as asas da imaginação e voar

Um robô pode até ser "inteligente".
Mas somente alguns homens
Alcançarão a sabedoria plena.

Deixem-me caminhar e sonhar.

Pés de barro.



Hélio Bacelar

Salvador - BA

Hélio Bacelar

Acadêmico cad. Nº 18 - AICLAB

TRAQUINICES EM DOSE DUPLA

Dois anjinhos vivificados pela traquinice. No feminino, é claro. Dois pacotinhos de fofura.

Em nada se parecem a não ser na peraltice.

Alice é mais velha, pois foi a primeira a nascer. Logo atrás, com leve retardo, Helena.

Acredito que Helena, muito esperta, disse:

- Vá primeiro, irmã. Se não gostar lá de fora, me avise que vou continuar nesse quentinho gostoso!

Mas tem mãe que aguente tanta peraltice por mais de nove meses no bucho?!

O pai, coitado, nem imagina os quantos cabelos brancos virão: deve logo escolher o produto totalizante. Logo logo vem a adolescência... o tempo passa rápido, Iure.

Mamãe, vá se acostumando com as invencionices dessas fofuras. Não vai se demorar as encrencas da escolinha! Aniversários na escola; porrada nas coleguinhas. Helena não é de levar desaforo para casa e isso está nas suas atitudes.

E tem as fofoquinhas: Papai, mamãe não me deixou brincar... Entre outras que não menciono para não assustar você, Priscila.

Um tio que é "tio de trivela"... mas vá lá que seja tio; faz dessas fofurinhas, halteres. Isso para economizar "academia de ginástica".

Mas Igor, praticar halterofilismo fazendo levantamento de fofuras quando só tem menos de dois anos é fácil. Quero ver você fazendo essas patacoadas quando estiverem maiores.

Calcule fazer esses saltos acrobáticos por sobre os freezers da peixaria quando estiverem com o dobro do peso.

Tem mais a penca da "babação": avós, avôs, bisavós, bisavôs, tios, tias, primos, primas, madrinhas, padrinhos, vizinhos... Madrinha-tia é especial, concorda Dalila?

Não esquecendo de Bia! Essa é diletta! Uma babá que esconde as sapequices das fofurinhas. É cúmplice! nas peraltices e nas brincadeiras todas.

Traquinice em dose dupla!

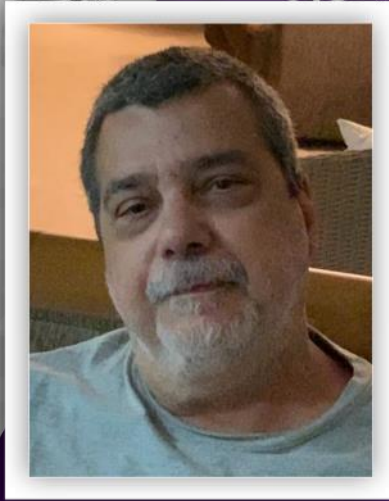
É duplicidade nas travessuras!

Bem vindas, garota lindas! vocês são a felicidade de muitos!

Peço licença para me incluir nesses muitos.

Só não esperem que eu faça halterofilismo com levantamento de fofuras. Fico no fazer o registro fotográfico do crescimento de vocês.

Dois enormes beijos, um para cada e sem briga, do primo metido a tio-avô!



José Manuel

Rio de Janeiro - RJ

José Manuel

Acadêmico cad. Nº 17 - AICLAB

SELENITA

olho para o sol por trás das nuvens
céu quente, ebuliente
dia claro, bonito
à beira da piscina, tomo um gole e escrevo
são palavras suadas, acaloradas
palavras de verão
o sol me olha, mas não posso encará-lo
traduzo o clarão em versos que derretem
o poema pinga de minha agonia
versos salgados, apressados
a moça de biquíni, molhada, bebida na mão
curiosa, olhando, desfila pelo calorão
olho para a tarde por trás das montanhas
céu reticente, escurecente
dia poente, aflito
à beira da piscina, tomo um gole e escrevo
são palavras cansadas, demoradas
palavras de mansidão
a vida me olha, e consigo aceitá-la
traduzo a calma em versos que arrefecem
o poema desliza em simples poesia
versos folgados, relaxados
a moça de biquíni, sentada, bebida na mão
curiosa, encarando, mescla-se à imensidão

olho para a lua por trás do entardecer
céu diferente, anoitecente
dia entregue, finito
à beira da piscina, tomo um gole e escrevo
são palavras represadas, despejadas
palavras de tesão
a noite me olha, e me sinto acolhido
traduzo as emoções em versos que florescem
o poema se despe em anatomia
versos cortejados, excitados
a moça de biquíni, interessada, bebida na mão
curiosa, atijando, acelera-me o coração
escrevo no dia, pela tarde, para a noite
o sol delira, a tarde respira, a noite conspira
não sei o que mais me inspira
a piscina, a bebida, a moça quase nua
ou esse brilho inebriante da lua



Karol Costa
Campo Grande - MS

Karol Costa

Diretora de Projetos - AICLAB

CUIDADO!

Cuidado para não perder aquilo que tanto desejou por ter medo de voltar a sentir o sentimento mais puro, amar e ser amado. Lembre-se: o passado é um peso que não deve levar para o seu futuro, muito menos que ele ainda permaneça no seu presente.

Cuidado para não perder a oportunidade de ser feliz simplesmente por ter a falsa sensação que não merece. Se tudo é no tempo de Deus, Ele te concedeu o privilégio de compartilhar os seus dias com quem realmente consegue te enxergar, apenas não trate como tanto faz quem faz questão de te ter por perto.

Por muito tempo é possível que tenha acreditado e até mesmo se acostumado com as coisas dando errado, mas precisa ter em mente que tudo tem um tempo e esse tempo já passou. Afinal, a vida é feita de altos e baixos, sendo essas oscilações que fazem com que a vida permaneça tendo um sentido, uma razão para prosseguir.

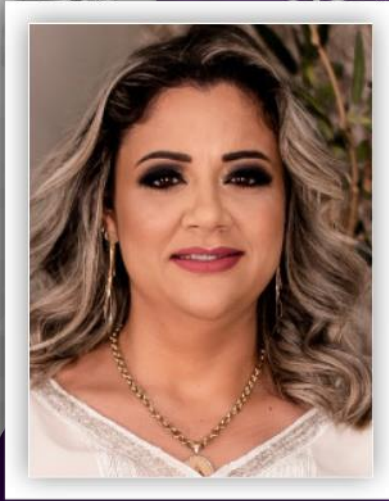
Cuidado com aquilo que os outros possam inventar para te afastar de quem te faz sentir vivo novamente, pois há pessoas que acreditam na falsa sensação de controle da vida dos outros pelo simples fato de não querer que viva a sua própria vida.

Cuidado com os prazeres momentâneos que te afastam daquilo que mais anseia, depois não adianta "chorar pelo leite

derramado”, ainda mais que a escolha é unicamente sua e de ninguém mais.

Abra os olhos para o novo e não tenha medo de errar, mas saiba corrigir os seus erros antes que possa perder algo que vale mais do que ouro, pelo receio de ter visto por alguém novamente.

Mesmo que haja a tese de reencarnação, além vida, você é você, mas não terá a oportunidade de vivenciar as coisas novamente não ser nesse exato momento. Não se deixe para depois nunca mais.



Kíssila Ferreira

Itaocara - RJ

Kíssila Ferreira

DISPONIBILIDADE EMOCIONAL: VOCÊ NÃO MERECE SER O PLANO B DE ALGUÉM

A disponibilidade emocional é um aspecto crucial nas relações humanas, pois implica estar presente, de corpo e alma, para aqueles que fazem parte de nossas vidas. Ser um plano B para alguém pode refletir uma carência de comprometimento emocional genuíno. Cada indivíduo merece ser a prioridade de alguém, não um substituto conveniente. Em uma sociedade movida pelo ritmo acelerado, a atenção e a conexão emocional são frequentemente relegadas a segundo plano. No entanto, é vital reconhecer que, para construir relacionamentos significativos, é necessário investir tempo, esforço e empatia. Ao ser o plano B de alguém, corre-se o risco de sentir-se desvalorizado e subestimado. Isso pode gerar feridas emocionais profundas, afetando a autoestima e a confiança. A disponibilidade emocional implica estar presente nos momentos bons e ruins, compartilhando alegrias e apoiando nos desafios. Quando somos meramente uma opção secundária, a reciprocidade emocional é comprometida, e a relação perde sua profundidade. É importante compreender que todos merecem relacionamentos nos quais se sintam prioritários e amados. Ser o plano B pode criar um desequilíbrio emocional, levando a sentimentos de solidão e negligência. A verdadeira disponibilidade emocional requer a capacidade de se conectar com as emoções do outro, de forma autêntica e atenta. Isso implica ouvir atentamente, mostrar compaixão e

compartilhar as próprias vulnerabilidades. Em contrapartida, é essencial reconhecer quando a disponibilidade emocional não está sendo correspondida. Colocar limites e valorizar-se o suficiente para exigir respeito é fundamental. Relações saudáveis são construídas sobre uma base de equidade emocional, onde ambas as partes se esforçam para nutrir e fortalecer o vínculo. A jornada em direção à verdadeira disponibilidade emocional começa com a autoconsciência. Compreender as próprias necessidades emocionais e comunicá-las abertamente é o primeiro passo para construir relacionamentos mais autênticos. Não aceitar ser o plano B não é egoísmo, mas um ato de amor próprio e autenticidade. Em última análise, todos merecem ser a primeira escolha de alguém, serem valorizados e apreciados pelo que são. Ao cultivar a disponibilidade emocional genuína, criamos espaço para relacionamentos enraizados na reciprocidade, na compreensão e no crescimento mútuo. Dessa forma, podemos construir laços significativos que resistem ao teste do tempo e das circunstâncias, proporcionando um apoio emocional constante e valioso.



Léo Guimarães

Borda da Mata - MG

Léo Guimarães

FILHO MEU

Rascunho de meu ser.
Certeza da continuidade.
Florescer da vida.
Fruto do amor.
Vertente da esperança.
Abençoado porvir.
Resplendor da paz.
Mistério de Deus.
Onírica aparição.
Êxtase perfeito.
Plenitude da alma.
Maviosa canção.
O melhor de mim.
Herança dourada.
Berço de luz.
Sorriso de gratidão.
Nobre príncipe.
Virtude maravilhosa.
Sangue do meu sangue.
Eternidade.
Realidade.
Felicidade.
Filho.

*Poema em homenagem ao meu filho Levi Emmanuel Pereira Guimarães,
nascido em 5 de agosto de 2023.*



Marinalva Almada
Caxias - MA

Marinalva Almada

RETALHOS DA HISTÓRIA E DA MEMÓRIA

Mariana era uma menina muito tímida que sempre gostou de passear pelo campo. Cedo da manhã ia para a casa de seus avós maternos. Enfrentava os cachorros latindo e avançando, orvalho em seus pequenos pés. Gostava de tomar leite quentinho tirado da hora. Chegava e ficava na porteira do curral esperando seu avô entregar a caneca cheia de leite.

No entanto, a vida de Mariana não era só de delícias, mas de muito trabalho também. Desde pequena sempre gostou de ajudar seus pais para contribuir com as despesas de casa, pois a vida de lavradores nunca foi fácil.

Aos 10 anos Mariana foi convocada pela sua avó paterna para morar na cidade, especificamente na capital do Piauí, Teresina. Quais as condições impostas para aquela menina ir morar longe de seus pais e irmãos? A partir daquela situação Mariana começou a refletir sobre o valor da vida, desde então não parou mais de escrever sobre coisas que valem realmente a pena, como o aconchego de um lar.

Mariana quando era criança tinha um sonho de encher uma colher de sopa, de leite ninho, da lata amarela, colocar na boca e degustar bem devagarinho e o leite grudar no céu da boca.

Depois de adulta realizou esse sonho que parecia bobo, mas para ela foi uma grande realização, afinal, sonho de criança é sonho de criança.

Ela cresceu, mas até hoje sente saudade do sabor do doce de leite feito pelo seu avô pai Dedê.

Saudade do sabor da farofa de feijão verde com farinha seca, no azeite de coco babaçu, feita pela sua avó mãe Jesus.

Saudade de degustar o gostoso assado de panela feito pela sua avó mãe Jesus.

Tudo era feito com muito amor.

Mariana teve o privilégio de vivenciar a evolução do seu povoado:

Da lamparina à luz elétrica.

Da cacimba ao poço artesiano.

Do areião à piçarra, da piçarra ao calçamento.

Evolução e progresso que chegaram ao seu povoado Centro do Agostinho, no interior do Maranhão.

Lembra-se com saudade de tantas coisas do seu tempo de criança:

Do carinho de sua avó materna e da atenção paciente do seu avô materno.

Ambos morreram cedo, no entanto guarda em sua memória os belos momentos que viveram juntos.

Mariana desde muito cedo sempre teve um ideal: escrever histórias e memórias que nos fazem viajar pelo tempo e percorrer o caminho maravilhoso das palavras.



Mario Luiz Amorim

São Borja - RS

Mario Luiz Amorim

ENTRE O RIO URUGUAI E A CRUZ MISSIONEIRA

Na cidade à beira do Rio Uruguai, onde as fronteiras se misturam e as histórias se entrelaçam, havia um guri chamado Alejandro, nascido em Santo Tomé, da província de Corrientes na Argentina e em São Borja, Rio Grande do Sul no Brasil, vivia uma linda guria chamada Isabela. E foi no Porto de São Borja, entre as margens do rio que unia essas terras, que suas vidas se cruzaram.

O Porto é o ponto de encontro mágico, onde as águas calmas do rio e o calor do sol se encontravam. Sob a sombra das árvores que estavam próximas à cruz missioneira, Alejandro e Isabela se conheceram. Ela estava com um chimarrão em mãos, e ele, com olhos curiosos e sorriso acolhedor.

A partir daquele dia, o tempo passou muito rápido, e os encontros naquele lugar especial tornaram-se uma tradição. A cruz missioneira, testemunha silenciosa de tantos momentos, parecia abençoar a história que se desenrolava entre os dois. Sentados, lado a lado, eles compartilhavam não apenas o chimarrão, mas também sonhos, risadas e anseios.

Em meio às rodas de conversa, Alejandro contava histórias ocorridas em Santo Tomé, enquanto Isabela compartilhava as tradições e lendas do Rio Grande do Sul. As diferenças culturais que poderiam separar outros corações, entre eles criaram uma ponte única, fortalecida a cada encontro à sombra da cruz missioneira.

As estações mudavam, mas o amor entre eles continuava a florescer como a erva-mate nas plantações argentinas. Juntos, o casal enfrentou vários desafios, construiu memórias, celebrou a riqueza de uma história que se desdobrava entre os dois e foi assim que em um entardecer dourado e ao pôr do sol, Alejandro ajoelhou-se diante de Isabela, tendo a cruz missioneira como testemunha e ofereceu-lhe um anel, símbolo de compromisso e amor duradouro. As águas do Rio Uruguai pareciam sussurrar bênçãos, enquanto os dois se abraçavam sob o céu pintado de tons alaranjados.

A pequena cruz missioneira, agora adornada com um laço que simbolizava a união entre Argentina e Brasil, permanecia firme, assistindo à história de amor que florescia em suas sombras. E assim, entre chimarrões e juras de amor, Alejandro e Isabela construíram uma ponte que unia não apenas dois corações, mas também dois países, fazendo do Porto de São Borja o ponto de partida para uma jornada única e infundável.

E com o tempo, os anos se passaram como páginas de um livro, e o amor entre Alejandro e Isabela amadureceu, resistindo às adversidades que a vida impôs. O Porto de São Borja tornou-se o cenário de inúmeros capítulos dessa história única, e a cruz missioneira permanecia lá, firme e serena, como um guardião das promessas feitas à sombra de seus braços de alvenaria.

Em cada estação, o casal encontrava novas razões para se maravilhar um com o outro. Nas manhãs de primavera, caminhavam de mãos dadas pela margem do rio, sentindo a brisa suave acariciar seus rostos. No calor do verão, compartilhavam risadas e olhares cúmplices enquanto saboreavam o chimarrão, criando memórias que seriam eternas.

Os invernos eram testemunhas do aconchego de seus abraços, aquecendo-se mutuamente nas noites frias. As folhas secas do outono dançavam ao redor deles, simbolizando a constante transformação de suas vidas, sempre entrelaçadas como os ramos de uma árvore robusta.

O casal enfrentou desafios que testaram a força de sua união, mas cada obstáculo fortaleceu os laços que os uniam. Eles aprenderam a superar as diferenças, a respeitar as culturas que carregavam consigo e a nutrir o amor que florescia em seus corações.

Um dia, diante da cruz missioneira, Alejandro ajoelhou-se novamente, desta vez com um anel de casamento. As lágrimas de felicidade nos olhos de Isabela refletiam a certeza de que estavam prestes a embarcar em uma nova jornada, oficializando o compromisso que o tempo havia solidificado.

O casamento foi celebrado com a presença de familiares e amigos dos dois lados da fronteira. As bandeiras da Argentina e do Brasil se entrelaçavam suavemente ao vento, representando a união de duas histórias em uma única tapeçaria de amor.

Ao longo dos anos, o casal continuou a frequentar o Porto de São Borja, agora acompanhado por pequenos passos e risadas que ecoavam pelos corredores do tempo. A cruz missioneira, envelhecida como um sábio confidente, permanecia ali, assistindo à geração seguinte que, sem dúvida, criaria suas próprias histórias junto às águas do Rio Uruguai.

Assim, o Porto de São Borja tornou-se não apenas um local de encontros românticos, mas um santuário que abrigava a continuidade de uma história de amor que transcendeu fronteiras, conectando não apenas duas pessoas, mas também dois países em um abraço caloroso de respeito, amor e compreensão.



Marvyn Castilho

Arraial do Cabo - RJ

Marvyn Castilho

MORTE

Eu sou a lágrima de adeus,
O silamento da ermida,
Olvidado em um debalde Deus,
O ósculo na mortalha álgida.

O epílogo de um sonho pueril,
Um mavioso trino no seu findar.
Uma lufada algente e estéril,
Segredada no último fulgor do seu olhar.

Uma rosa langue...
Que a saudade não tange,
No abarcar do ataúde.

Estou no feral e silente cortejo,
Que o esquife silencia no sepulcrário sem pejo.
E nas lembranças que o epitáfio ilude.

Em IX de agosto de MMXXIII. E. V.
Dies martis.



Maze Oliver
Rio Branco - AC

Maze Oliver

Acadêmica cad. Nº 22 - AICLAB

SONETO AO AMOR

Não falarei, Camões, não direi nada,
para em seus versos líricos guiar-me,
cantar nas notas deles e inebriar-me
da glória de amar sem ser amada.

Oh, tu Camões ajuda-me prezado.
Em fantasias e ilusões a embriagar-me.
Um último desejo meu: beijá-lo
ao cantar para ele um lindo fado.

Camões, de bela, rima rica e rara,
de ti faço-me verso e poesia,
qual Rosa de Saron, roseira cara.

E digo mesmo de longe da maestria:
se com versos como os teus eu o encantara,
a ti, grande Camões, eu brindaria.

LOUCOS DEVANEIOS

Estás em mim como febre que queima,
Quarenta graus de desejos assim,
És fogo que arde num lampejo,
Em sonhos e delírios só pra mim.
Não compreendo tua escolha, mas aceito.
Não gostaria de querer-te, mas está além de mim.
Ao ver teu sorriso, ah eu enlouqueço!
Quero amor, beijar-te e dizer-te: até que enfim!
Tocar tua pele, sentir teu corpo,
Apertar-me ao teu peito,
Embriagar-me de prazer e volúpia,
Beber teu beijo molhado.
Pensando nisso varo a madrugada,
Rolo na cama e não consigo dormir,
Em êxtase dos loucos devaneios.
Em delírios, suspiros e paixão,
Te prendo eternamente a mim.
Nem que seja por alguns minutos,
Sonho com você em mim.



Naiker Dàlmaso

Oxford - UK

Naiker Dàlmaso

Acadêmico cad. Nº 29 - AICLAB

INDÔMITA COMPANHEIRA

*Cada estrela do céu testemunhou
Que a saudade foi minha companheira.
(mote: Lucivânio Correia – CE)*

No sertão das pesadas agonias
O clarão do luar que dulcifica
Toca o peito e minh `alma sensifica
Com o alvor das flechadas fugidias
São as míseras farpas, dores frias
Visceral solitude derradeira
Que me pôs a queixar a noite inteira:
Ó cruel! Por que a morte o arrebatou?
Cada estrela do céu testemunhou
Que a saudade foi minha companheira.

MUSA NOTURNA

Na amplidão, musa noturna
Linda e cheia de energia
Alva LUA dos poetas
Tens o brilho da magia
Origem da inspiração
No meio da escuridão
És a luz da poesia!...



Natália Tamara

Saúde - BA

Natália Tamara

Diretora de Jornalismo - AICLAB

MISTÉRIOS!

Noite! Perco-me no infinito de tua amplidão,
Com o coração cheio de gérmen e de vícios.
Estrela! Navego à deriva deste brilho ofuscante,
A noite vai cada vez mais alta e menos sombria!

Lua! Sempre moça, nua e bela, fascinante
Peregrina no céu em sua virgindade eterna.
Ébria! Sigo sedenta, embriagada de filosofia,
Bebendo taças e taças do amor insolúvel...

O outono desfolha as árvores, os frutos acenam,
Eis que o amor desfolha o coração, aflorando os sentimentos,
Então desta árvore brotam o calor, a febre e a convulsão!2

O calor invade o peito, a febre emana dos lábios,
E a convulsão exala amor de forma puríssima
Onde o outono se desfaz das folhas! Inspirações da natureza.

SOB À LUZ DO LUAR

Andarilhando em ruas soturnas,
Silenciosamente degusto o vento 'madrugal'
Sofrendo em reticências a ausência taciturna,
Rabisco versos trépidos em agouro medicinal.

Selene, desfila sua eterna virgindade,
Na infinita passarela de Urano
Desafiando meu coração poético e cigano,
Exortando raios titânicos em supra intensidade.

Em extrema agonia sobrenatural,
Brindo com a deusa Nix um legitimo Bordeaux
Em continua singeleza, pulsa a pena da liturgia natural,
Sob à luz do luar, o louco poeta procura por sua haux.



Nauza Luza Martins

Brasília - DF

Nauza Luza Martins

Acadêmica cad. Nº 19 - AICLAB

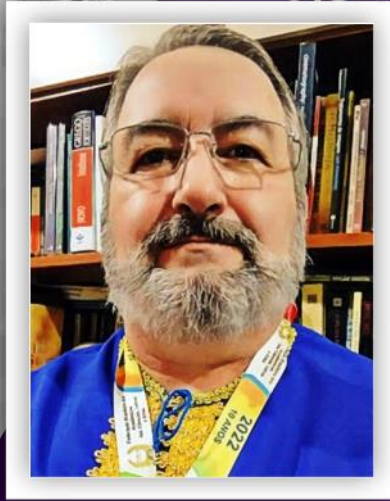
A LUA COMO TESTEMUNHA

Nosso amor não tem estrela cativa
Tem a lua como testemunha
Satélite que gravita em torno da terra
Refletindo sua magia, iluminando
E protegendo nossas noites de amor
Desejos, sofreguidão e fantasias.

Contemplo mais uma lua – lua de fases
Corpo celeste que brilha na noite
Com seu manto lunar de estilhaços de luz
Teu amor em mim renasce cada vez mais forte
Como o brilho do sol nela refletido.

A lua sempre nos conecta
Debruço em minha janela
Contemplo... revivo...
Lágrimas escorrem em meu rosto
A saudade dói como espinhos
Em minhas entranhas.

Te peço que volte amor, fique aqui comigo
Te demore mais um pouco.
Na próxima lua espero estar junto de ti
Diante da lua... prometo
Te jurarei amor eterno!



Paccelli M. Zahler

Brasília - DF

Pacelli M. Zahler

POEMA DE AMOR DO SÉCULO XXI

Qual satélite geoestacionário,
Monitoro teus elegantes passos,
Observo teus sensuais movimentos,
Registro e analiso teus dados.

Elaboro teorias e fórmulas,
Simulo modelos, mando sinais
Que me permitam, quem sabe um dia,
Fazer dos avistamentos casuais
Contatos de terceiro grau.

Ah, isto seria bem mais fácil
Na época dos meus ancestrais!
Encontros à luz pálida da Lua,
Passeios de mãos dadas pela rua...

Coisas singelas como um poema,
A beleza das flores de um jardim,
Para atrair tua atenção,
Para te aproximares de mim.



Pietro Costa

Brasília - DF

Pietro Costa

Acadêmico cad. Nº 09 - AICLAB

PEREGRINO DE SI

Fernando, navegante luminoso,
Que faz transbordar um mar de emoções,
Às margens de espantos e comoções,
És um farol de estro vertiginoso.

Transitas o espaço misterioso,
A lume, candentes provocações,
Vagas entre luas e aspirações,
És universo infindo e glorioso.

O poeta de abismais pensamentos,
De inquietações tantas, fulgurantes,
A resgatar silêncios dos relentos.

E na companhia de astros errantes,
Teus versos são vivos emolumentos,
Peregrinos de estrelas cintilantes.



Ricardo de Oliveira
São José - SC

Ricardo de Oliveira

TEU AUTOEROTISMO

Talvez **eu quisesses, mas bem mais do que um corpo,**
Uma **alma que se encontre com a minha e,**
Dela faça a sua infinita moradia,
Manifestando toda a sua **ousadia.**

E em seu **primor de anjo,**
Revelar-se **totalmente a mim,**
Ou que **seja dos teus encantos,**
As melhores perfumarias que eu já senti.

Se **estavas tão distante e perdida,**
Na **sua ausência,** eu também, **me perdi e,**
Esqueci o quanto sois **a verdade e os mistérios,**
Que somente **um coração é capaz de admitir.**

Esta **poesia** que estava doravante,
Em seu mais **completo descanso,**
Agora, **se comporta como uma dama,**
Ao vestir sua **roupa nada ocasional.**

Assim, nos teus **fiões de cabelos molhados,**
Não dizer-te a palavra que é **"não",**
Para **ter-te sempre aqui ao meu lado,**
E querer-te **levar-te aos lugares improváveis,**
Somente com **mil beijos e pela sedução!**

Viver no teu **autoerotismo**,
Mergulhado nos **versos que tens**,
Aflorando todos os sentidos,
No **tempo e na razão** que nos quer bem.

No final das contas,
Falarias: - **O que buscas**, não poderias,
Tê-lo achado em outra mulher?
Então, **eu não discutiria**,
Mas apenas **responderia-te** que,
- Eu não **depararia-me com algo tão absurdo**,
Se já é em ti, que tenho exatamente tudo,
E esse tudo, é a **concepção cósmica**,
Da **nostalgia** a qual **não nego em você**.



Rose Chalfoun

Lavras - MG

Rose Chalfoun

Presidente da ALL

ALINHAVOS

Tarde morna e chuvosa. Tempos aqueles em que as estações eram bem definidas. Estávamos em setembro, início da primavera. Apesar de ainda adolescente, sempre me punha a pensar em questões existenciais. Naquela tarde, especialmente, eu pensava em minha mãe. Ela estava ali, naquele mesmo quarto, onde eu gostava de ficar lendo, ouvindo a chuva e pensando... Sempre fui capaz de alinhar os meus pensamentos.

Tarde quase fria e um pouco nostálgica para mim, a presença de minha mãe, ali, parecendo-me envelhecida aos 65 anos... Viera de uma família de treze irmãos e só tivera três filhos. Eu pensara, então: -- A vida de minha mãe poderia, supostamente, ser contada em poucos minutos. Mal sabia, aquela inquieta adolescente, que tudo o que a sua mãe vivera e quantos papéis exercera, se, por escrito, certamente, daria um livro! Pouco estudo, o que não a impedira de ser uma grande leitora e muito, muito habilidosa! Era costureira... Sem ninguém que a auxiliasse nos serviços de casa, acordava cedo e começava a cuidar de tudo... Com sensibilidade aflorada, ela bordava, mesclando o trabalho com um colorido sem igual.

O rádio ligado, a máquina SINGER resmungando, ela cantarolando, a vida fluindo... O seu quarto de costuras vivia em clima de festa. Ali se reuniam algumas crianças para conversar com ela e, muitas vezes, minhas amigas ali ficavam fazendo-lhe confidências.

Mas, e aquela tarde morna e chuvosa de setembro?

Naquela tarde, em meio aos meus pensamentos, busquei perceber o sentido de envelhecer... Os velhos de ontem, são os chamados idosos de hoje. Aquela senhora envelhecida, sob o meu preconceituoso olhar, apenas varria e varria a casa e, de repente, parava, porque lhe vinham à cabeça palavras, as quais não deixava escapar, anotando-as em qualquer papel que encontrasse, transformando-as em poesias! Então, aquela senhora crescia, crescia sob o meu investigativo olhar...

Comecei a entender melhor o seu papel, a sua força. Naquela sociedade, naquele pequeno núcleo familiar, ela protagonizava tudo a que se propunha... Quantos sonhos não realizados! Quantas noites mal dormidas! Contas a pagar... Dava-se o luxo de assistir a bons filmes, no cinema, aos finais de semana... Com os filmes e com as histórias lidas nos romances que conseguia emprestados com as vizinhas, ela construía aquela estrada paralela que lhe dava sentido à vida. Em minha imaturidade, muitas vezes, pensava: Não quero ser assim, como a minha mãe...

Hoje, ocupando o lugar dela, vejo a importância de tudo o que, internamente, ela fazia e que se refletia externamente.

Século XXI, os chamados velhos passam, por decreto, e uma lei que os ampara, a se denominar idosos. Em proporção a outras épocas, o número de idosos aumenta, em nosso Brasil e por todo o mundo. Um novo perfil se apresenta, apesar de que ainda encontramos fortes indícios de preconceito e desrespeito aos idosos em alguns países. Delineiam-se, porém novos papéis assumidos por pessoas idosas, aquelas que têm hoje mais de sessenta anos e que estão sendo inseridas no mercado de trabalho.

Hoje, sou uma delas. Afortunadamente, consigo ser plural como a minha mãe o foi... Com a grande vantagem de conseguir levar o meu conhecimento, o meu ânimo a outras pessoas, por meio de minhas aulas e poesias. Sou uma professora /poeta! Esse é um dos papéis que exerço. Olho para os lados e vejo os idosos, voltando a ocupar cargos importantes nas empresas, propondo estratégias embasadas em suas experiências. São os meus contemporâneos, idosos de hoje, que, com garra, abraçam causas relevantes e cultivam valores para os mais jovens...

Não só o avanço intelectual lhes é permitido, há o físico também. Cuidados com a saúde, a prática de esportes, exercícios em academias, tudo lhes é oferecido. O entorno dessas pessoas, sem dúvida, lhes agradece. A maturidade consciente, alcançada, nessa fase da vida, torna-se uma poderosa ferramenta, usada, neste século, que beneficia os mais jovens. Desse posicionamento dos idosos, amparados por decretos e lei, vem o que há de mais relevante, o respeito e a admiração.

Afinal, e aquela tarde morna e chuvosa? Lá estou eu, ainda observando aquela senhora envelhecida em seus 65 anos. Quão grande e anônimo era o seu papel, preparando uma geração para o futuro incerto! Hoje, sem dúvida, a ela, eu diria: Estou cumprindo o meu papel, na sociedade com ânimo e alegria. Aprendi em sua escola pequena e fechada, minha mãe! O mundo se abriu, os idosos conquistaram o seu lugar, por sua capacidade e pela oportunidade com as quais foram agraciados.

Hoje, sou um deles! Vivemos uma nova fase da vida. Nos intervalos entre fases, manifestam-se: o crescimento, o equilíbrio emocional, os quais nos fazem confiantes e seguros.

Claramente, delineiam-se os papéis que certamente podemos exercer.

Os idosos, do Século XXI, voltam às Universidades, tanto como alunos quanto como professores; tornam-se brilhantes consultores de grandes firmas; interagem com as crianças, contando-lhes histórias de ficção e de vida. Como avós, têm exercido relevante papel na vida de seus netos, incentivando-os a rever os seus valores, principalmente aos adolescentes ainda indecisos, como aquela menina do início dessa crônica. Aquela tarde fria se tornara noite e a noite se tornara dia, em um suceder estonteante de mudanças e devaneios. Aquela senhora já envelhecida, aos 65 anos, não conseguira realizar os seus sonhos, mas inconscientemente, exercera papéis importantes que permaneciam anônimos, nebulosos. Idosos em trabalhos voluntários, voltados à arte, às letras se realizam em seus talentos. Aquela professora que hoje, tem sob a sua responsabilidade, alunos estrangeiros que querem aprender a nossa língua, se vangloria, pois domina a tecnologia com aulas online, algumas vezes, não nega, com a ajuda de seus netos.

Torna-se evidente que, para os idosos da geração de minha mãe lhes faltaram oportunidades e não capacidade. Fossem eles os idosos de hoje, estariam gerenciando ou comandando espaços, como sábios gerais experientes. Se donos conscientes de seus espaços, defensores da sociedade pequena constituída por suas famílias às quais abraçavam e acolhiam sob as suas asas, conseguiam definir papéis! Voariam, com certeza, voariam se hoje aqui estivessem aproveitando aqueles intervalos oferecidos pelo tempo.

Aquela menina do início permanece em mim, não a deixei fugir. Ela sempre está a me lembrar do compromisso que assumi, em agradecimento aos direitos alcançados, por ser uma idosa do século XXI. Cultivar nas pessoas o amor pelo

próximo, o ânimo para o trabalho, o desapego e a alegria de viver. Os cabelos brancos, hoje bem cuidados, são molduras para o rosto, não mais sinal de velhice.

Ainda pinto os meus cabelos, mas não me acanharia como antes, em deixá-los brancos e bem cuidados.

Aquele senhor que ali vai caminhando ereto, confiante, reverencia em si a vida, apesar de seus cabelos brancos. Fico imaginando o porquê daquela pressa e daquela elegância e eu mesma, prontamente respondo: Está atrasado para um encontro amoroso. Leva flores! O futuro? Sim, um brinde ao futuro, quando nos lembrarmos de que a tarde morna transformara-se em noite e de que a noite fresca despertara um lindo dia!



Vanderlei Barros

Ibatiba - ES

Vanderlei Barros

NOVA CHAMA

Foi acho eu, num de repente
O céu ficou anil
E o casulo em mim se abriu
Saiu a borboleta imponente.

Veio à tona se expressar, amar.
O homem em mim reagiu,
Virou o jardineiro a cuidar.
O jardim fluiu!

O sol não tocou só a flor,
A brisa carinhosamente voltou,
O colibri voou
De flor em flor.

E te convido a amar,
Por este jardim passear.
Acolher-te-ei em meus braços
E verás a foça de um longo abraço.

Do meu eu para o seu
O que era impossível aconteceu
No coração nova chama acendeu...



Verônica Moreira

Caratinga - MG

Verônica Moreira

Diretora de Cultura - AICLAB

NOVAMENTE MULHER

Eu desisto, claro que desisto!! Só hoje eu já desisti umas dez vezes. Desisti, quando me senti sozinha, quando olhei as quatro paredes ao redor de mim e me senti como uma daquelas paredes. Sim, eu me senti fria, dura e áspera. Vi a mim sem cor, sem textura, simplesmente desbotada. Entre outras paredes, estava eu; envelhecida e cheia de umidade. Uma parede entre tantas outras, sem utilidade. Nenhum quadro pintado para alegrar minha aparência triste e vazia. Pobre ambiente, arte nenhuma havia!

Todavia, mesmo parecendo sem vida e sem cor, recebia ao amanhecer luz e calor.

Entrava pela janela um clarão de luz, que misturava-se ao vento, trazendo alento por ali dentro, onde eu era fria e sem beleza. Às vezes o cheiro das flores invadia o ambiente e, nesse instante, eu me sentia viva por ainda poder sentir algo.

Já acostumada com a solidão e com a penúria dos meus dias adormeci e sonhei. Sonhei com alguém diferente, que, ao entrar onde eu estava se compadeceu de meu interior frio, sem cor e vazio. Não era anjo, pois não tinha asas. Não era comum. Era mesmo um ser surpreendente. Aproximou-se docilmente, trazendo um pincel e uma pequena lata de tinta branca. Uma lata do tamanho de um copo americano.

Aproximou-se lentamente, com leveza tocou minha superfície áspera e fria. Ouvi-o dizer baixinho: - Vou restaurar-te e vais voltar a ser mulher, bela interior e exteriormente.

Serás novamente atraente, exuberante e alegre. Estarás sempre corada e a luz do dia em teu quarto, refletirá nas paredes, formando aquarelas. Terás a beleza e as múltiplas cores das flores; rosas, azuis e amarelas. Serás tão apreciada, que em ti se inspirarão os grandes nomes das artes: os poetas, os artesãos e os pintores.

Ah, mulher!! Tuas cortinas de seda não cobrirão tuas curvas, pois estarão expostas, mesmo que as tente cobrir. Porque tua beleza será aos olhos de todos, como o arco-íris.

Nunca mais serás fria, vazia e sem cor; serás aquela que emana a arte, que aquece o âmago dos seres humanos e faz transbordar o mais doce néctar do desejo. Serás novamente pulsante como o coração que um dia inquieto e acelerado bateu por alguém que não mereceu seu amor.

Serás, novamente, mulher.



Walter Alves
Sabará - MG

Walter Alves

EXPRESSÃO

Existe uma expressão, no bico do meu revolver
Mas, tenha certeza com essa expressão, nada resolve

Se tentar colocá-lo em prática, essa expressão
Você vai ser julgado e vai para prisão

Por tanto, faça o certo quantas vezes precisar
Faça tudo de novo
Deus não aprova quem tira a vida dos outros

Tenha muita atenção
Vida e liberdade são maravilhosas
Vamos oferecer em qualquer situação flores e rosas!!!



Biografias

Aderval Aragão - Médico com Especialização em Cirurgia Vasculuar, Mestrado e Doutorado pela Universidade Federal de São Paulo, Professor Titular da Universidade Federal de Sergipe. É membro das Academias Sergipana de Medicina, Educação, Letras, bem como da Academia Independente de Letras de Pernambuco. É escritor, poeta e autor de diversos livros e artigos científicos.

Agostinho Jales - Natural de Angicos-RN, Suboficial da Marinha do Brasil, Poeta, Cordelista e Compositor. Membro da Academia Pan-americana de Letras APALA-RJ, membro benemérito da ALB/DF. Autor dos livros "Um cadin de poesia", "Mais um cadin de poesia" e "Retalhos da minha poesia", e dos cordéis "O desprovido de beleza", "Dois gracejos dá um cordel", "Rita toca o coração", "Zefa fofqueira" e "O caso da senhora e um jovem mancebo".

Ainë Pena - Escritora e historiadora, escreve para crianças e tem mais de 100 livros publicados. Tem sua maior obra, a coleção de livros infantis Coisas do Lelé com os quais trabalha vários projetos de incentivo à leitura e ao estudo de línguas. Acadêmica de várias Academias de Letras, Presidente da AICLAB e detentora de vários títulos, incluso de Baronesa e Embaixadora da Paz.

Amaury Silva - Mineiro de Rio Casca-MG. Atua como juiz de direito e professor universitário no Estado de Minas Gerais. Mestre em Estudos Territoriais ênfase em Direitos Humanos e Criminologia. Doutor em Ciências das Comunicações, interface

AICLAB - Antologia - Palavras que Ecoam à Luz do Luar - Apenas Editora

com Direito. Publicou livros e artigos jurídicos, como: O Livro dos Folguedos, O Rio Doce e outros poeambientais e Pareidolia. Participou de concursos literários e antologias poéticas.

Amois Augusto - Nascido nos anos 2000, na província da Zambézia no distrito de Morrumbala. Biólogo, professor de inglês, escritor, poeta ambiental e inovador. Começou a gostar da literatura no ensino médio que cresceu no ensino superior e até hoje escreve contos. De Moçambique - África.

Ana Esther - De Erechim-RS e mora em Florianópolis-SC desde 1991. Graduada em Letras/Inglês (UFRGS, 1987) e Mestre em Língua e Literaturas de Língua Inglesa (UFSC, 1993). Foi Professora Universitária. Atualmente tem 11 livros publicados, 3 e-books, participação em várias antologias. Criadora dos personagens O Pelicano, Mega Vó, Anamasthêr e a Meditação do Chimarrão entre outros. Instagram: @pelicanaesther

Ana Nascimento - Poetisa, com várias poesias escritas, mas nenhuma ainda publicada. Na adolescência começa a gostar de escrever poesias; o que ajudava em seus trabalhos escolares de língua portuguesa; mas só foi mais tarde já concluído o 2º grau que aprende a escrever sobre os seus sentimentos e pensamentos mais profundos e a escrita se torna realmente importante.

Andreia Caires - De São Paulo. Autora dos livros: O Diário da Borboleta azul, As sementes que plantei e Bichos em Poemas. Membro da Academia Independente de Letras e Colunista Jornal Rol.

Beatriz Oliveira - Nascida em um dia ensolarado, sendo a primeira filha de Antônia de Oliveira onde nos anos 2000, foi presenteada com uma linda menininha, a qual seria a criatividade e arte em pessoa. Beatriz tem seu berço, a cidade de Caxias - MA, mesmo solo do ilustríssimo romântico Gonçalves Dias. E como ele, a carinhosamente conhecida por Bia, dedica-se às Letras desde os 19 anos.

Cacá Matos - É fisioterapeuta e escritora de poesia e prosa; Autora do livro de poesias 1.001 sentimentos, 100 emoções e Antítese do (Des)amor. Doutora Honoris Causa em Fisioterapia pela FEBACLA. Secretária geral da AICLAB Membro acadêmica da AIL, AVLPL e AILB Coautora em algumas antologias poéticas.

Ceição Rocha Cruz - Poetisa alagoana, casada, graduada em Serviço Social e Ativista da Cultura Nacional da FEBACLA. Embaixadora Imortal da Paz, dra. h. c. em Dir. H. e Literatura da OMDDH. Acadêmicas das academias: AILAP, AIAP, AILB, APLACC, AML, AMBA, AHBLA, AIEB, AICLAB e AINTE. Detentora de títulos. Coautora em Antologias. Livros: No S. da Noite, C. das Águas e Poemas sob um sol poente.

Claudia Lundgren - Natural de Teresópolis, escritora e educadora infantil. Baronesa, Embaixadora da Paz e Doutora Honoris Causa Mult em Literatura, Educação e Comunicação Social. Vice-presidente da AICLAB, assessora especial e Delegada Cultural da FEBACLA, secretária da ALB Teresópolis, colunista e editora setorial do Jornal Cultural Rol. Participa de diversas Academias, Antologias e é detentora de premiações.

Eloise Gomes - Carioca, na flor da idade, com pouco mais que seus 15 anos, é estudante da Rede PENSI-RJ. É escritora mirim, participa de Antologias no Brasil e Portugal. É membro de algumas Academias e do Rotaract Distrito 4751 Cabo Frio parceiro do Rotary Internacional. É Embaixadora do Meio Ambiente de Iguaba Grande/RJ e Embaixadora da Literatura. Gosta de ler, escrever e experimentar novos desafios.

Finório Tovo - Nascido na década de 90 em Maputo - Moçambique. Estudante, formado no curso de estatística, ama e faz design desde criança. Entrou no mundo da literatura poética em 2019, escreve prosas, poemas e contos, e gosta de declamar.

Francisco Martins - Professor, escritor e poeta. Compõe poemas, contos, crônicas, ensaios e peças teatrais. Tem participação em centenas de antologias. Autor dos livros: Um tributo à natureza, Companhia das artes, Inspirações, Ciranda dos contos, dentre outros. Autor do Projeto Cirandas para Gostar de Ler. É Membro de várias Academia de Letras. Doutor Honoris Causa em Literatura e Doutor Honoris Causa em Educação.

Geremias Goulart - Funcionário público municipal em Minas Gerais, Brasil. Ex-conselheiro de saúde, ex-sindicalista, jurado, ex-conselheiro da comuna. Brigadista, ambientalista. Acadêmico das academias virtuais, como: AMCL, AVAL, ALMA, ALSPV, AIL, ALEGRO, AIAP, ALCIBRAS, AIDEP, AIUC, ALAGC, UUTU, e CLIP.

Graciela Zeballos - Conferencista internacional, Articulista, Escritora y Poeta. Recibió el Premio Mundial "Águila de Oro" a la Excelencia Humanista, UHE Perú 2023; y Premio "Pluma de Paz", Poetas Intergalacticos Ecuador 2021. Es Misionera de Paz. Participa del Movimiento Acción de Paz Argentina 2023. Goodwill Ambassador Representative SPMUDA Internacional Organization for Peace & Development 2019-2021.

Guilherme Guilherme - Maranhense de Rosário - MA. Filho de Jose Guilherme e de Maria Anunciação, ele lavrador, pescador..., ela do lar. É Pai, avô, poeta, escritor, místico e funcionário público. Apaixonado por reggae, filosofia e poesia.

Hélio Bacelar - Natural de Teofilândia - Bahia, é romancista e poeta, com formação em música - Composição e Regência. Tem diversas publicações na área de literatura - Brasil e Portugal, e composição musical - Estados Unidos, assim como participações em Antologias de contos e poesias.

José Manuel - Professor universitário, revisor e tradutor carioca. Possui obras publicadas em antologias de contos e poemas. Membro de algumas associações literárias. Publicou dois e-books pela Amazon (Microcontos da Pandemia e Poemas Cáosticos). Amante das letras, da música e das histórias em quadrinhos. Instagram: @josemsilvaprof.

Karol Costa - Residente em Itajai-SC, escritora com 5 obras publicadas: Cartas da Karol, Cartas de uma Alma Juvenil, Devaneios de uma Mente Sonhadora, Entre Palavras e Emoções e Mensagens de Luz. Participação em várias Feiras Internacionais como seu programa semanal Momento Zen na

FILC Dubrá. Em seu blog pessoal pode ser encontrado: Cartas, poesias, contos, Haikai, além de textos convertidos em áudios.

Kíssila Ferreira - Psicóloga, Socióloga e Neuropsicóloga. Especialista em Terapia Cognitivo Comportamental. MBA em Gestão Estratégica de Pessoas e Liderança. Basic Skill em Programação Neurolinguística. Mediadora do PEI pelo Instituto Israel. Autora do Livro Psicologia, Educação e Neurociências.

Léo Guimarães - Jornalista pela Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS); Técnico em Serviços Públicos pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas – Campus Inconfidentes; Pós-graduado em Gestão Pública pela Escola de Contas e Capacitação Professor Pedro Aleixo, do Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais (TCMG) em Belo Horizonte.

Marinalva Almada - Maranhense, mora em Caxias - MA. Professora dedicada e comprometida com a educação. Ultimamente vem trilhando o caminho literário como escritora de contos, crônicas e poesias. Participa com frequência de eventos literários, publica textos no Recanto das Letras e lançou em 2023, juntamente com Cláudia Lima e Zélia Oliveira, o livro Versificando a vida.

Mario Luiz Amorim - Paulista de nascimento, brasileiro com muito orgulho, são-borjense de coração, e encara o mundo como sua querência maior, já tendo visitado mais de 40 países. Professor e palestrante, leitor e escritor, formado em Letras e Pedagogia e é especialista na área das literaturas brasileira, africana, indígena e latina. É professor de literatura do I.E. Padre Francisco Garcia (São Borja/RS) e aluno do Curso de

AICLAB - Antologia - Palavras que Ecoam à Luz do Luar - Apenas Editora

Mestrado em Políticas Públicas da Unipampa – Campus de São Borja/RS.

Marvyn Castilho - Participa de várias academias literárias no Brasil, da Academia de Letras y Artes de Valparaíso - Chile e do Núcleo de Letras e Artes de Buenos Aires - Argentina. Idealizador do projeto literomusical Vanitas, organizador das antologias "Ultrarromânticos, Góticos e Trágicos Poemas" e "Poetas Malditos Contemporâneos I e II", e autor do tomo de poesias e contos "Existência... Refugio da debalde esperança".

Maze Oliver - É cronista, contista e poetisa. Acreana, formada em Orientação Educacional, com pós-graduação em Ensino Infantil e Fundamental. Imortal da Academia Acreana de Letras, membro fundadora e primeira presidente oficial da Sociedade Literária Acreana, membro de outras associações literárias, jornais e revistas culturais. Possui sete obras publicadas.

Naiker Dalmazo - De Vila Velha - ES, hoje reside em Oxford/UK onde compõe seus versos e publica seus trabalhos independentes. Tendo participação em instituições como FEBACLA, AICLAB, AILB e em obras coletivas. Mostra seu comprometimento com a cena literária, demonstrando sua influência e conexão com a comunidade artística brasileira.

Natalia Tamara - Graduanda em Letras/Literaturas e membra de algumas Arcádias Literárias. Organizadora e Coautora de Antologias. Membro do Grupo de Pesquisa em Linguagem, Estudos Culturais e Formação do Leitor - LEFOR. Coordenadora do projeto Bardos Baianos – Território Sisal. Detentora de

AICLAB - Antologia - Palavras que Ecoam à Luz do Luar - Apenas Editora

alguns títulos, e prêmios literários. Atuou como Coordenadora de Cultura da Cidade de Saúde-BA. @nataliatamara8

Nauza Luza Martins - Nasceu em Monção-MA, reside em Brasília/DF. Assistente Social, escritora, poeta, antologista e ativista cultural. Livros publicados: Jogo de Palavras, Interlúdio Poético, Chiado Books; Além dos seus Olhos, Ed. AL. Coautora em 200 Antologias. Organizadora de quinze Antologias Poéticas. Membro de várias Academias Literárias e Entidades culturais. Detentora de Prêmios, Comendas e Títulos diversos.

Pacelli M. Zahler - Membro da ALB-DF, cadeira número 9, patrono Ernesto Wayne.

Pietro Costa - Escritor. Poeta. Ativista e Produtor Cultural. Ex-Presidente da Academia Cruzeiroense de Letras/DF (2018-2020, 2020-2022). Membro de diversas Agremiações Literárias. Autor de 07 livros. Coautor de mais de 200 antologias/coletâneas. Vários prêmios, títulos e honrarias.

Ricardo de Oliveira - Escritor, poeta, colunista, cientista da religião, especialista em Docência e Gestão Em Tempo Integral, professor. Enófilo de vinhos. Em 2018, teve as suas poesias declamadas na Rádio Massa FM 98.7 de Florianópolis. Faz parte de várias Academias de Letras. Participa de várias antologias, e dos livros que escreveu, está com uma série de romance policial

Rose Chalfoun - Natural de Lavras - MG. Graduada em Letras, com Especialização em Língua Portuguesa e Mestre em Educação. Membro das Academias: ALL, AIL e outras. Professora Universitária, revisora e tem os livros de Poesias

AICLAB - Antologia - Palavras que Ecoam à Luz do Luar - Apenas Editora

publicados: Entretons I, II e III (em andamento). Participação como segunda autora nos livros: Princípios de Viver, Prosa e Poesia I, II e III. Coautora em 23 Antologias (nacionais e internacionais).

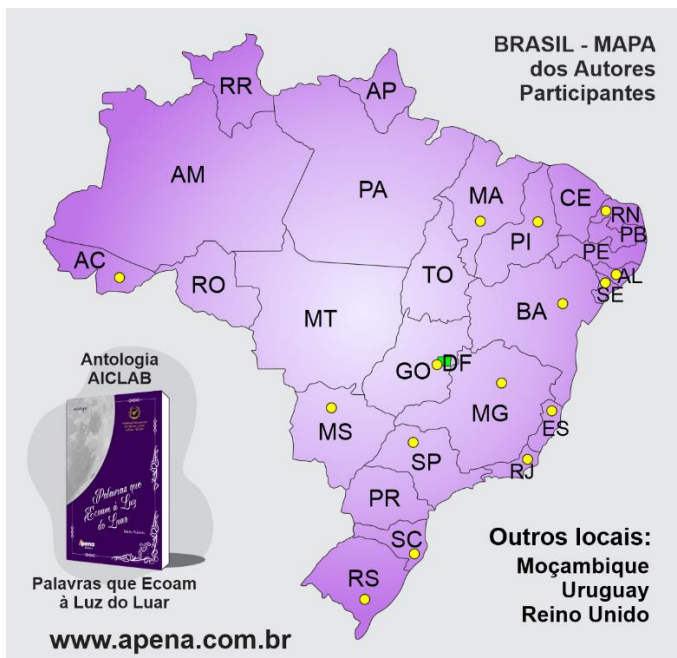
Vanderlei Barros - O escritor e artista plástico vive em Ibatiba-ES, desde cedo desenha e esculpe, talentos estes vindos de Deus (autodidata), é casado, pai, cristão. Fortaleceu seu vínculo cultural, como escritor, poeta, artista plástico, desenhista e pintor se tornando membro efetivo da AILA (Academia Ibatibense de Letras e Artes) ocupando a cadeira de nº20 e membro participativo da IPR de Ibatiba - ES.

Verônica Moreira - Escritora e poetisa, autora do livro: Jardim das Amoreiras. Acadêmica Internacional da Febacla. Acadêmica correspondente das academias Cruzeirense de letras e Caxambuense de letras. Delegada Cultura e Comendadora da Febacla. Diretora de Cultura da AICLAB. Embaixadora da Paz. Participante e organizadora de Várias Antologias. Colunista do Jornal Cultural Rol, da Revista Internacional The Bard e do Internet Jornal. @poesia.veronicamoreira

Walter Alves - Garçon e Poeta, participou da Antologia Poetize 2023; da Antologia Dia da Poesia 2023 - poetas brasileiros - da Câmara Brasileira de Jovens Escritores; da Antologia de Poetas Brasileiros - volume 217; da CENA POÉTICA 9; da 16ª Semana da Poesia no Fórum Lafayette; Autor do livro "Cotidiano de poesias" (obra no prelo).

Participantes

Autores de várias partes do Brasil e outros Países



Norte

Maze Oliver - Rio Branco - AC

Nordeste

Aderval Aragão - Aracaju - SE
Agostinho Jales - Angicos - RN
Ana Nascimento - Palmeiras - BA
Hélio Bacelar - Salvador - BA
Natália Tamara - Saúde - BA
Beatriz Oliveira - Caxias - MA
Guilherme Guilherme - Rosário - MA
Marinalva Almada - Caxias - MA

Ceição Rocha Cruz - Penedo - AL
Francisco Martins - Uruçuí - PI

Centro-Oeste

Ainê Pena - Brasília - DF
Nauza Luza Martins - Brasília - DF
Pacelli M. Zahler - Brasília - DF
Pietro Costa - Brasília - DF
Karol Costa - Campo Grande - MS

Sudeste

Amaury Silva - Governador Valadares - MG
Geremias Goulart - Belo Horizonte - MG
Léo Guimarães - Borda da Mata - MG
Verônica Moreira - Caratinga - MG
Rose Chalfoun - Lavras - MG
Walter Alves - Sabará - MG
Andreia Caires - Arujá - SP
Cacá Matos - São Paulo - SP
Claudia Lundgren - Teresópolis - RJ
Eloise Gomes - Rio de Janeiro - RJ
José Manuel - Rio de Janeiro - RJ
Kíssila Ferreira - Itaocara - RJ
Marvyn Castilho - Arraial do Cabo - RJ
Vanderlei Barros - Ibatiba - ES

Sul

Ana Esther - Florianópolis - SC
Ricardo de Oliveira - São José - SC
Mario Luiz Amorim - São Borja - RS

Outros Países

Amois Augusto - Quelimane - Moçambique - África

Finório Tovo - Maputo - Moçambique - África

Graciela Zeballos - República Oriental del Uruguay

Naiker Dàlmaso - Oxford - UK

Veja outras obras:



Antologia **Nossa Língua** **Nossa Gente**

Sobre a língua Portuguesa.

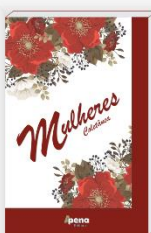
Leia grátis.
www.apena.com.br



Coletânea **11.9: 20 anos**

Sobre a tragédia do 11 de setembro.

Leia grátis.
www.apena.com.br



Coletânea **Mulheres**

Homenagem deles e delas para elas, 8 de mar. Dia da Mulher.

Leia grátis.
www.apena.com.br



Antologia **As mais Variadas** **Formas de Amar**

Dia dos Namorados.

Leia grátis.
www.apena.com.br



Coletânea **Para você** **Mamãe**

Homenagem ao Dia das Mães.

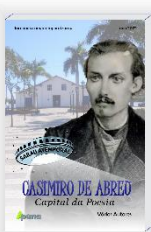
Leia grátis.
www.apena.com.br



Antologia **Bicentenário da** **Independência**

200 anos de Independência do Brasil - 2022.

Acesse:
www.apena.com.br



Antologia **Casimiro de** **Abreu** **Capital da Poesia,** **Sarau Atemporal.**

Leia grátis.
www.apena.com.br



Antologia **Natal: Sarau** **Atemporal**

Poetas Atemporais.

Leia grátis.
www.apena.com.br

Todas as Obras estão à venda na Amazon Internacional, nas maiores livrarias ou no site <https://uiclapp.bio/apenaeditora>

Alguns Depoimentos...

José Manuel - Mais uma excelente antologia da qual dá gosto participar. Obras de alto nível, qualidade de edição excelente, e atenção por parte de todos os envolvidos na publicação. Um país que não lê e que não é incentivado a ler pelas esferas de poder precisa de mais publicações como esta. É mister prestigiar nossos autores e acolher autores de outros países. Parabéns a todos os colegas de pena/teclas.

Graciela Zeballos - Hola desde Uruguay mis saludos cordiales. Debo resaltar el trabajo impecable de Apena Editora es un gusto trabajar con Aine Pena excelente ser humano y editora gracias por la invitación a participar en esta Antología Palavras que Ecoam.

Ana Esther - Estou muito faceira em fazer parte desse belo e-book, realizado com grande esmero pela Apena Editora. Ele une escritores de várias localidades no mundo e de diversificadas vertentes literárias. Certamente uma ótima leitura!

Marinalva Almada - É um prazer imenso participar dessa maravilhosa Antologia.

Léo Guimarães - A Antologia Palavras que Ecoam à Luz do Luar, com a participação de autores de todas as regiões do Brasil e do exterior, é um precioso compêndio de belíssimos textos que ficarão registrados para a eternidade, carregados dos mais belos sentimentos e emoções.

Autorização de Uso de Textos e Imagens

Todos os textos e imagens constantes nesta antologia foram disponibilizadas pelo próprio autor mediante autorização prévia de uso, e enviada por e-mail para *contato@apena.com.br*, para a coordenação desta obra, intitulada *Palavras que Ecoam à Luz do Luar*.

Licença de imagem da capa:
© Arte Apena Editora e Freepik.com, 2024

e-mail da Editora: apena.editora@gmail.com

site da Editora: www.apena.com.br

site da Academia: www.academiaaiclab.com

[Leia grátis e participe de outras antologias](#)

Antologia – Palavras que Ecoam à Luz do Luar
AICLAB
Academia Internacional de Ciências Letras e Artes - Brasilis
Edição Apena
2024

Apna Editora

